

Vida em conexão: práticas, emoções e afetos a respeito da apropriação dos telefones celulares pelos seus usuários

Claudia Scire¹

Resumo: Este artigo tem como intuito apresentar alguns achados de uma pesquisa de doutorado sobre um dos elementos da cultura digital de nossos dias, que tem se tornado objeto presente em toda a vida social, em suas mais diferentes esferas – os telefones celulares – ou, em suas versão mais atualizada, os Smartphones. Busca-se aqui, analisar a fundo que relação é esta que se constitui entre este artefato e seu usuário, à medida em que este último se torna “dependente”, segundo os próprios depoimentos colhidos, do uso do primeiro. Para tanto, apresenta-se, aqui, parte do material obtido em campo, com especial destaque para as práticas de uso, as funções mais acessadas e as rotinas de incorporação deste objeto na vida cotidiana. Os resultados apontam como a relação entre Smartphones e usuários traz à luz elementos presentes na atual conformação social que merecem ser discutidos, a saber, a expansão da lógica do compartilhamento e seu papel no estabelecimento de relações sociais.

52

Palavras-chave: Telefones celulares. Práticas de uso. Apropriação. Relações sociais. Conectividade.

¹ Socióloga Doutora pela USP e pesquisadora independente com experiência em metodologias qualitativas. Atuação acadêmica e no mercado, principalmente na área de consumo de tecnologia e consumo popular.

Abstract: This article has the intention to present some findings from a doctoral research, which focused on one important element of the digital culture, which has become present in all social life, in its different spheres – the mobile phones – or , in its latest version, the Smartphones. We try to analyse the development of a relationship between users and devices to the extent that the former become “addicted” to the later through the usage time. Therefore, we present here some fieldwork data analysis, with special emphasis on the daily practices, like the most accessed functions and incorporating routines of this object in everyday life. The results show how the relationship between Smartphones and users brings to light elements present in the current social conformation that deserve to be discussed, namely the expansion of a logic of “sharing files” and its role played in social relations establishment.

53

Keywords: Mobile phones. Use practices. Appropriation. Social relations. Connectivity.

Introdução

Elemento da cultura digital de nossos dias, os telefones celulares têm se tornado objetos presentes em toda a vida social, em suas mais diferentes esferas. Esta comunicação parte de uma pesquisa de doutoramento, que teve como objetivo descortinar alguns efeitos que estes aparelhos e seus usos geraram sobre a dimensão das práticas sociais. Para tanto, procura-se aqui, descrever alguns elementos em jogo ao longo das práticas de uso dos celulares, ao mesmo tempo em que se analisa os efeitos que o consumo cada vez mais constante da conectividade engendra nas formas de ser-estar no mundo e no estabelecimento de relações sociais. Em suma, pretende-se lançar o olhar para o processo de apropriação destes objetos pelos usuários, de forma a entender como a relação de cada um com seu celular e a conexão que ele permite foi se constituindo nos termos de uma relação de dependência cada vez maior.

A ideia de apropriação, ao contrário daquela de adoção – que remete a uma atitude passiva dos usuários – parte do princípio que é preciso entender a relação dos usuários com seus artefatos a partir de um conjunto de práticas que englobam as formas como os objetos são adquiridos, utilizados e incorporados à rotina dos mesmos, mas também aos elementos de dissonância e negociação que surgem, conforme o uso proposto pelos produtores passa a ser questionado e revertido em práticas mais atrativas (BIJKER e LAW, 1992; BIJKER; HUGHES; PINCH, 1987).

Se hoje a relação entre os usuários e seus artefatos celulares se naturalizou, é preciso reconhecer que a sua aceitação foi construída ao longo do tempo. Até o celular atingir o patamar atual de um objeto praticamente anexo aos seus usuários, conformou-se um processo que tem englobado distintos posicionamentos e discursos, além das práticas como o objeto foi sendo apropriado e ganhando novos recortes, significações e usos, e se transformando na tecnologia de conexão que nos apresenta hoje. O que se pretende, aqui, portanto, é apontar para alguns momentos desta trajetória de relação entre artefato e usuário.

Os dados apresentados foram obtidos em algumas pesquisas de campo realizadas ao longo dos anos de 2010-2012 – período em que a pesquisadora trabalhou como analista de pesquisa de mercado e foi responsável por conduzir

e coordenar vários estudos, dentre eles duas investigações etnográficas² sobre a relação dos consumidores com os serviços de telefonia móvel – e de um fórum online moderado pela pesquisadora no ano de 2013. Nessas primeiras incursões a campo foi possível entrar em contato com as formas pelas quais os celulares adentram a vida cotidiana de seus usuários e com o papel que assumem nas mais diversas atividades rotineiras. Ao todo foram realizadas 41 entrevistas com moradores de diversos bairros das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Belfort Roxo, Nova Iguaçu, São Gonçalo, Recife, Porto Alegre, Maringá, Goiânia e Vitória da Conquista. Embora não tenha sido regra, não foi raro conversar também com os demais membros da família e/ou amigos e vizinhos, ainda que informalmente, e observar as semelhanças e discontinuidades nas práticas de uso e consumo de telefones celulares.

O fórum posteriormente realizado ajudou a levantar questões previamente selecionadas após uma primeira etapa de análise do material obtido em campo. A partir de uma postagem anunciando a pesquisa e seus fins acadêmicos em uma rede social, a pesquisadora conseguiu contar com a participação voluntária de sete pessoas de 18 a 45 anos, residentes em São Paulo e possuídores de telefone celular. Formou-se um grupo fechado, cuja comunicação deu-se no formato de chat durante cinco dias. Algumas questões foram ali colocadas pela moderadora (no caso, a pesquisadora em questão) e os participantes passaram a respondê-las, tendo também acesso às respostas dos outros. A partir das respostas que se obtinha, questões específicas eram direcionadas a cada um deles. Os participantes foram instruídos a acessarem o chat ao menos uma vez ao dia para responder às questões colocadas diariamente, mas a maioria deles o fazia mais frequentemente, apontando para o fato de que pertencem a um grupo de usuários com acesso facilitado à conexão à Internet e com certa familiaridade nas ferramentas de comunicação online.

Assume-se que essas distintas iniciativas de pesquisa tenham contribuído para construir uma análise multifacetada, cujos elementos confluem para um denominador comum de questões, cujo intuito é discutir aqui.

² A pesquisa etnográfica, como técnica investigativa inserida no contexto da pesquisa de mercado se difundiu nos anos 70 e ganhou força nos últimos anos a partir do reconhecimento de sua importância para desvendar as diferenças entre práticas e discursos no que diz respeito ao consumo de produtos e serviços.

Práticas de uso na apropriação das funções de conexão

Se o intuito é chegar à compreensão de como os celulares emergiram enquanto tecnologias amplamente utilizadas e tidas como indispensáveis, faz-se necessário considerar a apropriação como um processo, cuja análise das práticas de uso ajuda a decifrar. Os estudos sobre a relação dos usuários com objetos tecnológicos apontam para o fato que a apropriação ocorre logo após o momento da venda, quando o objeto deixa o mundo da mercadoria, e o sistema geral de troca e equivalência e se torna um objeto autêntico para seu usuário (SILVERSTONE, 2006).

Nesse sentido, Haddon (2006) afirma que é preciso investigar as formas como as pessoas lidam com as tecnologias no cotidiano, como criam usos inventivos ao invés de serem apenas afetadas por elas. Isso significa voltar o olhar para a relação travada entre artefatos e seus usuários, pois é nas práticas de consumo que se revelam os diversos elementos presentes na conformação da ampla cadeia sociotécnica que torna a tecnologia celular consideravelmente ativa no estabelecimento de relações sociais.

Dentro do escopo da pesquisa aqui apresentada, o que se pretendeu foi justamente dar conta desse tipo de análise. Optou-se por um recorte que desse ênfase à dinâmica da inovação tecnológica (e às respectivas resistências e adoções daí decorrentes) – através da análise das práticas de acesso à Internet no celular. De fato, o fenômeno da proliferação de celulares com acesso à Internet contribuiu para ampliar o jogo das práticas de uso envolvendo os artefatos e suas formas de apropriação. Buscou-se, então, relatar algumas destas alterações e propor uma leitura baseada na observação do espraiamento da lógica do compartilhamento a partir deste novo cenário, no qual cada vez mais informações (sejam texto, dados, arquivos ou fotos) passaram a transitar pelas infovias.

Para tanto, buscou-se adentrar nas práticas de uso mais frequentemente realizadas pelos entrevistados e analisar o papel da conexão nas suas formas de travar relações sociais e se comunicar com seus pares, ativar suas redes de sociabilidade através da troca de arquivos e mensagens, além de contribuir para que eles se constituam enquanto usuários desta tecnologia de conexão móvel. Acredita-se que, ao serem exploradas e analisadas, as práticas cotidianas de registro de imagens, envio de mensagens, uso de redes sociais e compartilhamento de arquivos, bem como a forma como são percebidas e avaliadas, ajudem a perceber

que são igualmente estes elementos que contribuem para conformar as diversas teias das quais os celulares emergem enquanto objetos essenciais de conexão.

Envio de mensagens: SMS versus aplicativos de mensagens

Com conteúdos que podem variar de poemas e declarações de amor a pequenas mensagens que permitam a coordenação e o planejamento de atividades, o fomento de relações e a manutenção de vínculos já existentes, uso de mensagens de texto – o famoso SMS³ – virou prática comum de muitos entrevistados da pesquisa, muitas vezes atuando como substituto de ligações. Digno de interesse, porém, é como por volta do ano de 2012, um outro tipo de serviço passou a substituir o SMS. Trata-se dos aplicativos de mensagens instantâneas, que passaram a ser oferecidos nos celulares inteligentes, com acesso à Internet.

Esses recursos de mensagens instantâneas terminaram por construir e ampliar um espaço de comunicação social móvel composto por uma imensa cadeia cada vez mais realimentada por dados e arquivos, na velocidade instantânea da circulação e troca de mensagens. Essa conectividade permanente parece tornar a lógica das interações quase próximas do espaço de uma interação copresente, à medida em que se exige a atenção, disponibilidade e a respectiva velocidade na resposta, como se fosse uma conversa face a face em tempo real. Percebe-se, assim, o surgimento de uma nova forma de lidar com o tempo – principalmente aquele tempo dedicado ao momento de espera. O próprio sentido de urgência parece se redefinir, num contexto em que a velocidade da contestação tem se tornado mais importante do que a resposta em si. Como salienta a entrevistada Maysa:

Eu tô tentando me policiar mais para não brigar com meu namorado e não cobrar as amigas quando elas não respondem logo as minhas mensagens. É difícil porque você sabe que a pessoa visualizou, tá ali marcado, mas você não pode fazer nada, tem que esperar. E aí, fica se perguntando: ‘mas por que não quer responder agora?’ Dá uma ansiedade... (Maysa, 26 anos).

³ A sigla refere-se ao termo em inglês Short Message Service (Serviço rápido de mensagens).

Comunicação visual mediada pelos celulares: álbum de fotos e compartilhamento de imagens

Se os aplicativos de mensagens instantâneas contribuíram para alargar o espaço da comunicação móvel, é preciso ter em vista que tal alargamento deve ser caracterizado não apenas por uma frequência maior na troca de mensagens, mas pela ampliação do fluxo e tipos de dados que entram em circulação. Dentre eles, encontram-se as fotografias tiradas com a própria câmera do celular. Diferente dos aparelhos de fotografia, a câmara acoplada ao celular “já está ali”, pronta para a captura de imagens, cada vez mais frequentes, registrando diversos momentos da vida.

Tais práticas sugerem que se está diante da conformação de uma cadeia de ligação entre os usuários e suas memórias, diferentemente da que existia há alguns anos. Em primeiro lugar devido à virtualização de arquivos.

Em alguns casos, o celular ajuda a compor o álbum de família, além das fotos poderem circular nas redes sociais. O artefato aparece, assim, como um mediador capaz de facilitar o acesso a múltiplas referências de maneira instantânea por parte de seus usuários, uma vez que estas informações estão sempre à mão e condensadas na memória dos aparelhos. Através do armazenamento é possível recorrer a elementos imateriais que, de outra maneira, só estariam disponíveis se atrelados a um espaço fixo e/ou a um objeto tal como um computador ou câmera ou, ainda, fotos impressas.

Nesse sentido, a ideia de armazenamento digital parece se atrelar a novas práticas – torna-se muito mais fácil “viajar” por entre distintas temporalidades dessas memórias, uma vez que todas se encontram armazenadas e condensadas em um só lugar. É possível, a partir daí, supor uma mudança na forma de se lidar com as memórias, uma vez que o acesso a elas se torna mais fluído e contínuo.

Além disso, a própria mudança na natureza das memórias e sua relação com a biografia dos indivíduos ganha novos contornos. As memórias de cada um parecem cada vez mais confundirem-se com a memória digital do aparelho – inteiramente objetivada no seu registro digital, o que se coloca, é claro, de forma diferente e distante dos processos de elaboração subjetiva de tempos, identidades e experiência, associados à construção da memória individual.

Mas a própria lógica do compartilhamento de imagens entre os pares também se altera. O que antes era mostrado após a transposição do arquivo da

imagem para o computador e a consequente postagem nas redes sociais tem a chance de ser compartilhado instantaneamente, no momento em que a foto foi tirada, seja via programas de troca de mensagens, seja via redes sociais. Ao fazer o registro de momentos de encontros, a câmera do celular acaba por produzir e materializar (ainda que de forma virtual) referências e imaginários comuns aos grupos sociais e que serão, em momento posterior (dias, horas ou minutos após o registro), compartilhados e mobilizados pelos grupos na manutenção de toda uma rede de sociabilidade.

Nesse sentido, se a cadeia de ligação entre os usuários e suas memórias (no duplo sentido) começa com a virtualização, ela ganha força e dinâmica pelas práticas de compartilhamento de arquivos na rede. Graças às possibilidades técnicas, a produção e transmissão de conteúdos tornam-se integradas de forma instantânea (COLOMBO; SCIAFO, 2005).

Seria possível dizer que o uso da câmera fotográfica do aparelho cumpre uma função comunicativa, que auxilia na construção de referências que alimentam imaginários sobre si e imaginários comuns partilhados nas redes de contato. A visualização das imagens de amigos, colegas e parentes gera a percepção de um “estar junto pela conexão”, ainda que se esteja distante. Sobre essa realidade afetiva compartilhada, a entrevistada Maria Luiza discorre muito bem:

Uso muito para ver meu filho durante meu dia de trabalho. Peço para a babá me mandar várias vezes ao dia mensagens pelo Whatsapp com as fotos dele, do que ele está fazendo, de quando está no parquinho brincando, quando está comendo... É uma forma de eu me sentir mais perto dele e acompanhar mais seu dia a dia. Aí, às vezes, acabo enviando essas fotos pro meu marido, pra minha mãe, pra sogra, pra minha irmã, cunhada... De repente, é como se todo mundo estivesse junto ali, ao mesmo tempo, compartilhando aquele momento. (Maria Luiza, 40 anos).

Observa-se aí o desenvolvimento de um modo visual de comunicação interpessoal, no qual a imagem tem se tornado o eixo principal. E não raramente a comunicação visual, representada pelas fotos, acaba por ocupar o centro da comunicação, uma vez que cada vez mais posta-se e compartilha-se muito mais imagens em detrimento de textos (RIVIÈRE, 2006)⁴. Assim, o espaço de

⁴ Para Rivière (ibidem) isto acaba por transformar radicalmente a função social da fotografia, que perde o caráter de eternizar grandes momentos e ocasiões solenes e se iguala a uma ligação ou mensagem.

comunicação móvel, colocado em evidência pelas programas de mensagens instantâneas, parece ganhar cada vez mais força com a troca e o compartilhamento de imagens.

Se por um lado o ato de fotografar e instantaneamente postar o que foi fotografado permite que a realidade afetiva circule e seja compartilhada em uma prática de “estar junto à distância”, por outro percebe-se, cada vez mais, um agir espontâneo e impulsivo na imediatividade do ato de comunicação via postagem dessas fotos. É como se a emoção do momento só fizesse sentido se compartilhada minutos após seu acontecimento, o que remete à lógica imediatista de eventos irrisórios mobilizados na lógica da hiperexposição dos fatos cotidianos da vida. Neste sentido, as redes sociais constituem uma alavanca estimuladora ao mesmo tempo em que mediadora de tais práticas.

Redes sociais no celular: a vida como notícia

Com essa história de você estar o tempo todo conectado, acho que você acaba tirando muito mais fotos do momento. Gosto de divulgar meu dia a dia informando na rede social, tirando fotos do que estou fazendo no momento. Tudo o que estou fazendo registro com minha câmera, e se for interessante já posto nas mídias sociais, na mesma hora. (Vagner, 29 anos).

60

Com a possibilidade de ter acesso às redes sociais pela tela do celular, pode-se dizer que o fenômeno do compartilhamento de arquivos, principalmente de fotos, ganha destaque ainda maior, pois se descola do contexto de postagens relacionadas a eventos que já aconteceram e passa a atuar no regime da simultaneidade. Imagens parecem ganhar sentido, apenas se postadas, visualizadas, comentadas e compartilhadas no momento exato em que foram capturadas. Isso porque, mais do que um registro de um certo momento para uma visualização no futuro, o que parece ser importante é registrar o presente para que se possa contar sobre ele. Mais do que ativar memórias, as fotos passam a atuar como testemunho de práticas.

Dentre as práticas de postagens cotidianas, encontram-se não apenas aquelas relativas aos locais visitados e paisagens, mas fotos que se referem ao que se está comendo, ao que se está fazendo, aonde e com quem,⁵ bem como

⁵ Redes sociais permitem ainda que se “marque” as pessoas da foto ou indique quais contatos de sua rede encontram-se presentes naquele momento.

o estado físico e emocional dos fotografados. E, para incrementar as imagens e torná-las ainda mais chamativas a quem as visualiza, entra em cena a utilização de aplicativos de fotos que se conjugam às redes sociais.

Através deles é possível personalizar as fotos tiradas antes de compartilhá-las. Opções de filtros diferentes (com efeitos de cores e luz) e programas para a edição de imagens apresentam-se aos usuários. Cada um pode, assim, “trabalhar” as fotos que tira, tornando-as mais bonitas, estilizando-as e conferindo a elas uma característica que difere das demais.

Além disso, o usuário pode “taggear” a foto, ao procurar por nomes que levem a imagens específicas/temáticas que se relacionam à imagem capturada ou criar seus próprios *tags*. Enfim, é possível a qualquer um que esteja inscrito no aplicativo produzir conteúdo e “soltá-lo” na rede, sincronizando suas imagens com as do banco de imagens do programa, através dos tags utilizados.

Se, por um lado, tais aplicativos possibilitam a exploração lúdica de um mundo individual que se compartilha – mundo este colocado entre a realidade e a representação – por outro, eles alimentam o regime do ver e ser visto⁶, que se apoia numa roupagem de autenticidade, um tanto quanto necessária para chamar a atenção em meio a inúmeros conteúdos disponíveis na rede.

Uma vez que grande parte da lógica das redes sociais se resume a contar histórias e representar a si mesmo, a utilização cada vez mais constante das redes sociais e de tais aplicativos só tende a reforçar esta tendência de que cada um se torne uma espécie de “agência de notícias, emitindo boletins diários sobre os acontecimentos relevantes de seu cotidiano” (VICENTIN, 2008, p. 130).

Em suma, é como se a vida de cada um pudesse ser lida como uma sucessão de fatos, eventos e locais, sem relação necessária com uma biografia (e sua história), mas que constroem um “perfil” sempre atualizado e sempre reeditado. O resultado, ao que parece, é que cada um se torne ator, ao mesmo tempo em que o próprio ídolo de si, pela tela do celular. É possível interrogar sobre as novas formas de constituição de subjetividades que se desenrolam

⁶ Além de exigirem uma atuação constante dos usuários na postagem de conteúdos, o que confere sucesso ao aplicativo são as visualizações e os *likes* nas imagens dos outros. É possível “seguir” perfis de pessoas pelas fotos que publicam ou pelos *hashtags* a elas associados, “curtir” e comentar suas fotos, compartilhá-las e comentá-las. Um “perfil de sucesso” é, assim, aquele com vários seguidores que acompanham, curtem e comentam as atualizações feitas.

a partir desses mecanismos e práticas que colocam as “narrativas do eu” em primeiro plano.⁷

Do “blutufe”⁸ à Internet: a expansão da lógica do compartilhar

Se os aplicativos de fotos, mensagens instantâneas e redes sociais têm contribuído para uma ampliação do espaço comunicacional móvel, através do espraiamento da lógica do compartilhar pelas infovias, não se pode afirmar que a possibilidade de conexão à Internet no celular tenha inaugurado as práticas de compartilhamento de arquivos. A conexão em rede, atrelada ao acesso constante aos sites de redes sociais, apenas impulsionou práticas que eram realizadas de formas muito mais incipientes de outros modos.

O compartilhamento de arquivos começou com a conectividade entre os celulares e outros aparelhos, via cabo USB e evoluiu para o infravermelho⁹. Logo em seguida, apareceu o dispositivo de Bluetooth que consiste numa função que permite a transferência de arquivos sem a necessidade de fios ou qualquer outra conexão material entre os aparelhos, conformando redes sem que ligam celulares, notebooks, computadores, impressoras etc.¹⁰

Por um bom tempo, o chamado “blutufe” era sensação entre os mais jovens¹¹. A gratuidade da ferramenta e a desnecessidade de cabos foram os

⁷ Fernanda Bruno (2013) consegue dar conta dessa questão com maestria em sua última obra, ao analisar a emergência de subjetividades cada vez mais exteriorizadas, em que as esferas de intimidade de cuidado e controle de si se fazem na exposição pública via redes sociais com a ajuda das tecnologias comunicacionais.

⁸ Termo nativo referente à palavra em inglês *Bluetooth*. Refere-se à forma como é pronunciada.

⁹ Conhecido também como *infrared*, até alguns anos atrás era um dos poucos padrões, senão o único, que permitia a conexão entre dois dispositivos sem a necessidade de fios. A comunicação via infravermelho utiliza sinais de luz emitidas e captadas por um sensor no dispositivo receptor. Devido a suas limitações, já é considerado obsoleto perante aos demais meios de conexão disponíveis nos dias de hoje. Sua velocidade de transmissão de dados limita-se a 115 kbps e há limitação física para a troca, pois para funcionar o led transmissor do primeiro dispositivo precisar estar apontado diretamente para o receptor em uma pequena distância.

¹⁰ Ao ativar o *Bluetooth*, ele irá pesquisar os dispositivos presentes naquele raio. Após a identificação do dispositivo com o qual se deseja conectar, basta que um deles selecione o arquivo a ser enviado e aguarde a autorização do outro. A transmissão de dados finaliza-se a partir de dispositivos dentro dos aparelhos que são nada mais do que microchips transmissores que, quando ativados e posicionados em curtas distâncias (raio de até 100 metros, dependendo da potência), permitem a transferência de dados.

¹¹ Casos colhidos em campo permitem supor um corte geracional no envio de arquivos via *Bluetooth*. Nem todos os entrevistados conheciam a função (que geralmente fica escondida em algum canto do menu). Apenas os mais jovens, acostumados a “fuçar” em seus aparelhos e pre-

principais elementos fomentadores de sua popularidade e disseminação de seu uso nas práticas de compartilhamento e músicas¹² dentre os entrevistados.

É possível sugerir que a função tenha atuado como a grande precursora da lógica do compartilhar dos dias atuais. Com ele, arquivos situados no ciberespaço podiam viajar em fluxos, traçar rotas distintas e ganhar uma significação e um local específico no interior de celulares. Ao permitir a interface entre dados digitalizados situados no ciberespaço e seu armazenamento em memórias de dispositivos, o uso do Bluetooth ajudou a conformar uma rede sociotécnica composta por pessoas, arquivos de áudio e links da Internet, conectados simultaneamente. Mas era ainda uma rede limitada a espaços definidos pela área de acesso do próprio dispositivo. Essa limitação se esvanece com os novos recursos digitais. Elementos materiais, digitais e relações tornaram-se, assim, interligados nessa extensa teia que hoje se expandiu a níveis antes inimaginados a partir da proliferação da conexão de dados nos celulares.

As funções aqui apresentadas e seus respectivos usos chamam a atenção para o fato de que a mudança na velocidade de conexão e a consequente possibilidade e facilidade de trocar arquivos na rede – via aplicativos de mensagens e redes sociais – apontam para uma alteração nas práticas do compartilhar.

E um elemento a ser considerado quando se olha para a alteração na dinâmica de compartilhamento de arquivos consiste na mudança do regime de temporalidades. Os casos aqui apresentados de troca de mensagens e envio de fotos via conexão à Internet apontam para a necessidade de ser rápido nas respostas ou, no caso de fotos, de registrar e compartilhar o momento, que só passa a fazer sentido se postados segundos após o ocorrido.

Trata-se de exemplos claros da imposição da lógica da aceleração de tempos de que fala Virilio (1996). Mais do que nunca, o imperativo do agora se faz sentir e cada vez mais práticas sociais acabam seguindo – ou têm tentado seguir – a velocidade da conexão em tempo real.

dispostos, de alguma forma, a trocar arquivos citaram o *Bluetooth* como importante. Dado que sua prática de uso já pressupõe um certo domínio de certas ferramentas, é possível deduzir que, assim como no caso do SMS, o uso da função revela a completa adoção e apropriação do que o artefato tem a oferecer.

¹² A dinâmica do compartilhamento segue o seguinte movimento: geralmente as músicas são baixadas da Internet e passadas para o celular via algum cabo de conexão com o computador. Logo após são compartilhadas via *Bluetooth* com conhecidos. Estes, por sua vez, continuam a repassar estes arquivos a outros integrantes de suas redes, algumas vezes, após modificá-los. Assim, os arquivos se expandem e conteúdos são propagados e disseminados pelas redes de contato.

E isso permite levantar questões a respeito do controle do tempo. Ao que parece, o controle sobre o próprio tempo – o tempo para si – torna-se cada vez mais roubado, menos frequente, pois este se torna invadido, a todo o momento, por mensagens que chegam já supondo a necessidade de resposta imediata. A partir do momento em que se entra no jogo da acessibilidade constante e do imediatismo, cada um se vê obrigado a seguir e a acompanhar as atualizações que seguem a velocidade das conexões em tempo real.

Embora ainda haja muito o que se discutir sobre as consequências deste novo modelo, por ora, cabe supor que essa nova lógica não deixa intacto o regime de subjetividades, constituídas, cada vez mais, com o direito de controle de si e do seu tempo doados voluntariamente à lógica da conexão permanente.

A descrição e análise das práticas e usos cotidianos mais frequentes aqui apresentados revelam como os celulares têm se tornado elementos essenciais à vida cotidiana ao mesmo tempo em que seus usos engendram novas formas de ser e estar junto, de comunicar-se com várias pessoas e trocar experiências em tempo real. Novas formas de alimentar as relações sociais fazem-se presentes, possibilitadas pela conexão à Internet e por programas e dispositivos que interligam os usuários a suas redes de contatos, via mensagens de texto e de voz, em fotografias e filmagens, músicas etc. Sendo assim, é possível supor que os vínculos sociais se encontrem, a partir desta nova lógica, cada vez mais regidos sob pelas formas digitalizadas no espaço de comunicação móvel que liga pessoas, arquivos, relações e sentimentos.

Usuários, emoções e afetos na constituição da cadeia sociotécnica da conectividade: relações de dependência

É possível perceber que a utilização constante do artefato ajudou a propagar essa forma de ser e de estar no mundo que não mais se distancia da conectividade permanente, a recíproca também se coloca: cada vez mais o ser e estar no mundo exige a posse desse dispositivo, e as ações cotidianas se pautam, de alguma forma, nas potencialidades trazidas pelas funções que o objeto agrega. Em outras palavras, oportunidades como acesso ao emprego, à prestação de serviços (para quem trabalha como autônomo), o contato com um parente distante ou com amigos, as conversas diárias e o arranjo de atividades, o acesso à informação, a troca de arquivos etc. chegam na ampla rede que envolve pessoas conhecidas

e desconhecidas, fluxos de dados e informações e cuja conexão se concretiza através destes artefatos e ganha materialidade na forma de ligações, mensagens, arquivos.

Logo, o que foi apresentado até o momento acerca da apropriação do celular tende, agora, a ser complementado por uma análise que visa entender alguns dos processos e elementos em jogo que compõem o ser-estar conectado. E, para tanto, pretende-se invocar a concepção de cadeia sociotécnica enquanto metáfora explicativa do processo de conformação da conectividade de nossos dias.

A inspiração vem de Bruno Latour (1991, 1992, 1994, 1999), que pontua que cada objeto técnico é formado por cadeias de associações heterogêneas entre usuários e dispositivos e que condensam práticas e relações diversas. Para Latour, cada objeto deve ser concebido enquanto conformado – e, ao mesmo tempo, conformador de – uma rede de arranjos materiais diversos, dos quais fazem parte humanos, ferramentas, elementos verbais, materiais, ações, discursos num conjunto denominado arranjo sociotécnico. Nas palavras do autor, desta composição que mobiliza coisas, pessoas e suas correlações¹³ resultaria uma totalidade sem unidade e tampouco pontos fixos, sempre aberta, capaz de crescer para todos os lados e direções e composta apenas por agenciamentos e linhas que se cruzam, formando cadeias de associações e que conformam campos possíveis de ação, os *scripts*.

Parte-se, então, do princípio de que é possível interpretar os elementos presentes na vida em plena conexão enquanto provenientes de múltiplas dimensões que envolvem tanto as possibilidades técnicas que os celulares inauguram como as formas como os usuários se imbricam (cada um a seu modo, mas em constante diálogo) neste jogo de possibilidade de ações e relações que tem feito dos celulares o que eles atualmente são – ferramentas por excelência do contato com o outro. Sendo assim, o objetivo aqui é puxar alguns dos fios desta emaranhada cadeia na tentativa de analisar o que, de fato, se configura na noção de conectividade e alguns de seus desdobramentos na formas como as relações sociais têm se estabelecido.

¹³ Para Latour, o humano seria mais um nó nesta estrutura não linear, sempre aberta a novos componentes.

Essa cadeia torna-se visualizável ao considerar as práticas de uso e discursos envolvidos nesse processo, principalmente aquelas referentes às funções e recursos de compartilhamento de arquivos, que contribuiriam conjuntamente para a criação de um espaço comunicacional móvel, situado nas infovias, no qual dados transitam na velocidade instantânea da circulação e troca de mensagens¹⁴. Um olhar atento para eles permite perceber a articulação de tempos, espaços e relações diversas em conteúdos materializados e armazenados nos artefatos. Defende-se, assim, a ideia de que é justamente nesta imbricação que se constitui a força da atual configuração na qual os celulares aparecem como ferramentas imprescindíveis ao cotidiano, uma vez que o que está em jogo nada mais é do que a imbricação da própria vida de cada um dos usuários, em suas mais distintas esferas, a estas cadeias de conexão.

Vimos como são nestas práticas não apenas de chamadas de voz, mas principalmente via armazenamento e troca de arquivos, que alguns dos ingredientes para a manutenção dos vínculos e relações sociais são mobilizados, pelo envio e recebimento de conteúdos em formato digitalizado, como mensagens de texto e de voz, fotografias, filmagens, músicas armazenadas, links diversos etc. Assim, embora esteja claro que a própria alimentação das relações sociais faça parte e

66

passa por esta cadeia sociotécnica conformada pela conectividade, é preciso, contudo, voltar mais atentamente o olhar para alguns elementos presentes neste espaço comunicacional para entender o que tem contribuído para gerar o apego e a percepção de imprescindibilidade dos celulares. E aqui vale notar que se neste espaço transitam elementos que contribuem para conformar e alimentar as relações dos usuários com seus pares, o conteúdo que circula envolve não apenas dimensões racionais relacionadas à coordenação de atividades, resolução de problemas, incremento da rede de contatos profissionais etc., mas também obrigatoriamente dimensões emocionais que se encontram “materializadas” de forma digital. Assim, o que transita pelo espaço comunicacional móvel não são apenas elementos responsáveis em parte pela manutenção ou quebra de relações sociais. É preciso atentar para o fato de que eles, em seu conteúdo, mobilizam sentimentos e relações afetivas, estes também atuantes na conformação e constante alimentação da cadeia sociotécnica da conectividade.

¹⁴ Latour (2005) assume que as Tecnologias da Informação e Comunicação permitem rastrear associações de modo inédito devido a sua própria forma de funcionamento.

Sendo assim, a representação do aparelho enquanto diário pessoal não é meramente simbólica. Trata-se, de fato, de um verdadeiro recipiente organizador de memórias (TAYLOR; HARPER, 2001) – uma ponte que permite guardar e acessar a qualquer momento sentimentos e emoções, pessoas queridas e recordações – graças à capacidade de memória cada vez mais expandida nos aparelhos, que aparece como um elemento capaz de facilitar o acesso a múltiplas referências pessoais.¹⁵

Contudo, é interessante pensar que mais do que repositórios de emoções, é a partir dos celulares e da conectividade a eles atrelada que a circulação destes conteúdos se dá e a própria alimentação dos vínculos emocionais ganha força. As mensagens guardadas, fotos, filmagens etc. que muito têm a dizer sobre a vida dos usuários, bem como suas relações e práticas cotidianas e conexões com o mundo, constituem, assim, parte daquilo que compõe o fluxo que transita na cadeia sociotécnica da conectividade.¹⁶

Fica claro, então, por que Lasen (2004) refere-se aos telefones celulares como “tecnologias afetivas”. Para a autora, os artefatos são mediadores da expressão, experiência, comunicação e troca de sentimentos, uma vez que permitem a presença virtual daqueles ligados a seus usuários.

Isso posto, é mais fácil entender em que pilares a ligação emocional dos usuários com seus celulares se estabelece e de que forma dialoga com questões como dependência e a conseqüente noção de imprescindibilidade destes. Sugere-se, aqui, que o estabelecimento de uma relação emocional com o aparelho se dê justamente a partir da relação emocional que se tem com o conteúdo nele armazenado e com todos os conteúdos possíveis que ele permite fazer circular. A fala da entrevistada Ana é capaz de ilustrar claramente este processo:

É impossível desligar. Me sinto perdida. Qualquer coisa que eu faça, mesmo dentro de casa, ele fica por perto, até mesmo na hora

¹⁵ Outro dispositivo sociotécnico extremamente significativo do artefato e que dialoga com a memória é a função da agenda – ao mesmo tempo o depositário da rede de contatos de cada um. Da mesma forma que o início de novas relações é mediado pelo artefato, o corte de relações (sejam elas amorosas, profissionais ou de amizade), quando ocorre, ganha força através do ato de exclusão da agenda do celular e exerce o significado simbólico de exclusão da vida como um todo.

¹⁶ Seria possível descrever e analisar parte desta cadeia sociotécnica a partir dos registros das ligações e mensagens enviadas e recebidas, além de arquivos diversos que, por sua vez, são capazes de sinalizar facilmente o peso de determinados laços dos contatos da rede de cada um, suas ramificações e pontos de apoio, bem como de ruptura. Este não foi, porém, o foco deste trabalho.

do banho. Sem ele, sinto como se estivesse nua. Lá estão todas as minhas músicas, tenho arquivos da faculdade, as mensagens que recebo são automaticamente armazenadas e, se tenho várias salvas no aparelho, porque são especiais, remetem a momentos importantes da minha vida. Também é lá que guardo as minhas fotos, as fotos dos momentos de encontro com os amigos e do meu dia a dia. Está tudo lá. Sem contar a agenda de contatos, né? (Ana, 19 anos).

Ora, se as emoções se encontram imersas nos fios que compõem a cadeia sociotécnica da qual também fazem parte os aparelhos, suas funções, seus usuários, bem como a própria conexão que permite a troca e o armazenamento de arquivos, a questão do vínculo entre usuário e aparelho passa a se explicar pelo apego ao conteúdo emocional mobilizado. É claro que tal relação de dependência é construída ao longo de um processo amplo. Por um lado, devido ao tempo de uso, pois conforme os usuários desenvolveram um grau de intimidade e um conseqüente apego muito maior a seus aparelhos, eles também passaram a incrementar cada vez mais a cadeia com conteúdos que dizem respeito à sua individualidade e emoções.

Assim, conforme os usuários exerciam uma participação cada vez mais contínua e crescente na alimentação desta cadeia que se ampliava – também pelas possibilidades técnicas que se inauguravam – a relação que se estabeleceu com os aparelhos se colocou em termos de dependência emocional. Se é possível afirmar que esta relação ganhou força é porque uma ampla cadeia, composta pelas associações entre ‘usuários – arquivos – outros usuários – memória – aparelhos’ se conformou e permitiu a circulação e mobilização de dimensões emocionais nos conteúdos presentes na troca e envio de arquivos.

Tal cadeia parece se sustentar cada vez mais à medida em que uma quantidade maior de elementos passa a circular neste espaço comunicacional criado e se torna materializada na memória dos artefatos. E isso tem a ver com o fato de que ao longo dos processos de apropriação, cada vez mais vidas inteiras – e seus respectivos afetos e elementos que os mobilizam – se encontram inseridas nesta cadeia sociotécnica, a partir de conteúdos que circulam.

Se hoje o celular tem se convertido no artefato que articula a relação de cada um com sua própria vida e emoções, é possível entender que a partir do momento em que isto ocorre, o ser-estar em conexão torna-se a chave necessária

para a execução de uma série de práticas. Por isso, se a bateria acaba e não se está com o carregador no momento, o celular “morre” e gera sentimentos de luto, desamparo, frustração e desespero e a necessidade de “ressuscitá-lo” o mais rápido possível se coloca como primordial. É como se o usuário se sentisse banido do acesso a alguns dos elementos que compõem esta cadeia sociotécnica, que ele mesmo ajudou a construir e da qual depende cada vez mais, mas que, naquele momento, tem seu fluxo interrompido.¹⁷

Assim, a ideia de cadeia sociotécnica permite perceber como os conteúdos que circulam – e que claramente podem mobilizar dimensões emocionais – atuam enquanto elementos que interligam os usuários, seus aparelhos e suas redes de contatos, numa imbricada teia da qual cada vez mais é difícil de se desfazer.

À guisa de conclusão: alguns questionamentos

Vimos como no arranjo sociotécnico construído e reconstruído cotidianamente pelas práticas de uso de celulares entram em cena agenciamentos que, materializados em programas ou funções específicos, dão ensejo para que os usuários insiram cada vez mais suas vidas na cadeia da conectividade. Além destes elementos circulantes que mobilizam dimensões emocionais, desta cadeia também fazem parte outros elementos que, através de imbricações diversas com programas como aplicativos, acabam por englobar e abarcar a vida dos usuários, de forma a mobilizar agenciamentos diversos. Dimensões extremamente privadas da vida dos usuários transitam e se amarram a outros fios, gerando um incremento daquilo que circula na cadeia sociotécnica.

À medida em que as práticas diárias, relações e afetos tornaram-se transplantados para a rede complexa de relações envolvendo os usuários, seus celulares e as possibilidades de conexão, a relação com estes artefatos passa a carregar elementos de necessidade e imprescindibilidade. É claro que o mercado também se esforçou para reforçar tais práticas, seja ampliando as possibilidades técnicas para tanto – a partir do Smartphones –, seja via criação de mecanismos que tornassem a vida dos usuários mais facilitadas, mas também cada vez mais

¹⁷ As possibilidades de pensar em outras associações sociotécnicas por onde se conforma a conectividade são imensas. Dentre elas, digna de atenção é a associação ‘aparelhos – baterias – carregadores – tomada – energia elétrica’. Pode-se citar como exemplo a carga constante de baterias, o fato de se levar o carregador consigo para que a alimentação desta cadeia e de seus fluxos se torne possível.

atreladas a seus celulares. Porém, o que vale ressaltar é que o ser-estar conectado gestou-se num processo multissituado capaz de agenciar práticas ligadas à construção de uma nova maneira de se comunicar, de estar acessível e acessar as informações e de lidar com elas para realizar as atividades mais corriqueiras, mas também de estar sujeito a elas para tomar decisões e tornar-se cada vez mais impelido a seguir o ritmo no qual circulam.

Assim, se o consumo dos celulares enquanto possibilidade de acesso a tudo e a todos tem ganho cada vez mais importância, é porque fomos convidados a adentrar no mundo da conectividade permanente e a alterar nossas práticas a partir de novos agenciamentos propostos. Aprendemos a viver no imperativo da velocidade da troca de mensagens, da resposta instantânea para nossas perguntas, e qualquer momento de desconexão passou a ser vivenciado enquanto privação, a ponto de podermos afirmar que isso se dá porque a reprodução da vida se encontra em plena consonância com os fluxos que circulam na cadeia sociotécnica da conectividade.

Isso traz a possibilidade de se pensar na presença de novos elementos capazes de interferir na constituição da ação social, uma vez que práticas tornam-se cada vez mais atreladas ao ser-estar conectado. É de se questionar se aí não estariam presentes forças de poder que embaralham a capacidade individual de gestão de si e dos tempos para si, pois à medida em que se opta por estar conectado à cadeia, cada um se vê obrigado a colocar sua vida à disposição de uma temporalidade que foge aos limites do controle sobre seu próprio tempo. Em outras palavras, o que a pesquisa permitiu capturar é como tais formas de poder incidem de forma a embaralhar as capacidades de cada um na gestão de suas próprias vidas, nas escolhas sobre as formas de se comunicar, de quando e como ter acesso e ser acessado pelos outros etc.

Referências

BIJKER, Wiebe. E., HUGHES, T. P. e PINCH T. J. (eds) *The social construction of technological systems*. Cambridge, MA: MIT Press. 1987

_____ e LAW, John (eds.) *Shaping technology, building society: studies on sociotechnical change*, MIT Press, Cambridge, 1992

BRUNO, Fernanda - *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2013

COLOMBO, Fausto e SCIFO, Barbara – The camera phone and MMS in relation to other ICTs, In: HADDON, Leslie et alli (eds.) *Everyday innovators: researching the role of users in shaping ICT's*. Springer Dordrecht, The Netherlands, 2005.

HADDON, Leslie. The contribution of domestication research to in-home computing and media consumption. *The Information Society*, 22, 195-203. 2006

HULME, M. e PETERS, S - Me, my phone, and I: The role of the mobile phone. CHI 2001 WORKSHOP: MOBILE COMMUNICATIONS: UNDERSTANDING USERS, ADOPTION, AND DESIGN. Seattle, Wash. 2001, Disponível em: <http://www.cs.colorado.edu/~palen/chi_workshop> Acesso em 10 de julho de 2010

LASEN, Amparo. Affective Technologies: emotions and mobile phones. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004. Open access. Disponível em: <www.surrey.ac.uk/dwrc/Publications/AllPubs.pdf > Acesso em: 20 julho de 2009

LATOUR, Bruno - Technology is society made durable, In: LAW, John (ed.) *A sociology of monsters: essays on power, technology and domination*. London, Routledge, 1991

_____. “Where Are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts”, In: Wiebe E. Bijker and John Law (eds.), *Shaping Technology/Building Society*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

_____. Une sociologie sans objet? Note théorique sur l'interobjectivité, 1994. Open access. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/057.html> > Acesso em 22 de outubro de 2008.

_____. Fractures/Fractures From the Concept of Network to that of Attachment. Res special issue on Fatura N°36, Autumn 1999, 20-31. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/76-FACTURE-GB.pdf> > Acesso em 22 de outubro de 2008.

_____. *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, EDUSC. 2001

_____. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo, Editora 34.

2005

_____. *Reassembling the social*. An introduction to Actor-Network Theory. Oxford University press, 2005

RIVIÈRE, Carole Anne. Téléphone Móbile et Photographie: les nouvelles formes de sociabilités visuelles au quotidien. *Sociétés, Paris*, n°91(1), 2006, pp 119-134. Disponível em: < <http://www.cairn.info/revue-societes-2006-1-page-119.htm>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2013

SCIRÉ, Claudia. Vida em conexão: celulares, usuários e mercado na construção do novo social. 2014. 188f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 2014.

SILVERSTONE, Roger - Domesticating domestication: reflection on the life of a concept. In: BERKER, T; HARTMANN, Maren; PUNIE, Y; WARD, K. (eds.). *Domestication of Media and Technologies*. Milton Keynes, Reino Unido: Open University Press, 2006

VICENTIN, Diego – *A Mobilidade como Artigo de Consumo: Apontamento sobre as relações com o aparelho celular*. 2008. 159f. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UNICAMP, Campinas, 2008

VIRILIO, Paul - *Velocidade e política*. Estação Liberdade, 1996